

CURTA METRAGEM

Maior escola brasileira de cinema, além de possuir importância cultural própria como gênero cinematográfico, o curta-metragem recebeu este ano um grande estímulo, ao entrar em vigor a lei que torna obrigatória a sua exibição como complemento de todo filme estrangeiro. Com isso, adquiriu ainda maior relevância esta seção que FILME CULTURA iniciou no nº 27, destinada a documentar, na medida do possível, a numerosa e variada produção nacional de filmes curtos. Neste número nos ocupamos, em especial, dos filmes que conquistaram a Coruja de Ouro/76 e dos que concorreram ao último Festival de Gramado.



A Pedra da Riqueza

Rio de Janeiro, 1976.

Direção/Roteiro: Wladimir Carvalho. **Fotografia:** Manuel Clemente. **Fotografia Adicional:** Fernando Duarte. **Montagem:** João Ramiro Mello. **Música:** Fernando Cerqueira. **Som:** Walter Goulart. **Produção:** Wladimir Carvalho. **Produtor Associado:** Cinemateca do MAM-Rio. **Distribuição:** EMBRA-FILME. **Duração:** 16 min. **Bitola:** 35 min. **Censura:** Livre.

SINOPSE — Documentário sobre os garimpeiros que extraem e tratam a xilita nas minas do Nordeste brasileiro, consideradas das mais importantes do mundo. As rudimentares condições de vida desses trabalhadores que passam a estação das chuvas de-

dicados à agricultura, e, o resto do tempo, no garimpo, longe da família, num sistema de trabalho quase primitivo, sem carteira de trabalho, assistência médica ou social, enfrentando riscos de desabamentos e poluição residual das minas, desconhecendo o valor e o destino da matéria-prima que extraem, indispensável à indústria atômica e astronáutica.

OBSERVAÇÕES — O filme, que tem como subtítulo "A peleja do homem nordestino para desfazer o encantamento da pedra deixada sobre a lua pela nave dos astronautas", apresenta, sob a forma de narração, o depoimento de José Laurentino dos Santos que abandonou as minas de extração de xi-

Vera Brandão

lita, na Paraíba, e foi para Brasília como operário de construção civil até conseguir um emprego na Universidade. **A Pedra da Riqueza** recebeu os seguintes prêmios: Margarida de Prata, da CNBB; troféu Humberto Mauro e Coruja de Ouro, da EMBRAFILME, como Melhor Curta Metragem de 1976; 1º Lugar no Festival JB e Moção de Aplauso da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Em 1976, participou do Festival de Leipzig, Alemanha. Wladimir Carvalho, jornalista e professor de Cinema do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, possui, como realizador, uma obra inteiramente dedicada ao cinema documental, especialmente em curta-metragem: **A Bolandeira**, **Romeiros da Guia**, **O País de São Saruê**, **Vestibular 70** (co-direção de Fernando Duarte), **Incelência para um Trem de Ferro**, **Itinerário de Niemeyer**, **Vila Boa de Goyaz** (ver FC/27), **O Espírito Criador do Povo Brasileiro**, **Mutirão**, **Quilombo**, **Sem me rir, sem chorar**.

P.S.: Te Amo.

Rio de Janeiro, setembro de 1977

Direção/Roteiro: Sergio Rezende, baseado no conto **A Pista**, de Abel Silva. **Assistente de Direção:** Pedro dos Anjos. **Fotografia:** José Joffily. **Montagem:** Mariza Leão. **Música:** Tom Jobim e Miucha (**Samba do Avião**), Agnaldo Timóteo (**Perdidos na Noite**), Clementina de Jesus (**Linha do Mar**). **Som:** Batista do Prado. **Elenco:** Álvaro Freire (Nando), Isabela Cerqueira Campos, Érico Vidal. **Produção:** Sérgio Rezende. **Produtor associado:** Corisco Filmes. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 9,5 min. **Bitola:** 35 mm. **Censura:** 14 anos.

SINOPSE — Chegando em casa, Nando encontra um bilhete de sua mulher marcando encontro com ele na casa de um amigo comum. Nando vai para lá, mas novos bilhetes o remetem a outros lugares, acabando por deixá-lo inteiramente sozinho na cidade. Finalmente, no último recado deixado pela mulher, ele constata que os desencontros daquela noite não foram casuais, mas sim fruto da agitação e confusão da grande metrópole.

OBSERVAÇÕES — Curta metragem de ficção, inspirado num conto do livro **Açougue das Almas**, de Abel Silva, em que o tema do desencontro de um casal serve como pretexto para se traçar um painel mais amplo do Rio de Janeiro. O filme em questão recebeu o 3º Prêmio do Festival de Cinema JB/77 e o Troféu da Imprensa, no Festival de Cinema de Gramado/78. Sergio Rezende fez o Curso de Cinema da FEFIEG (1974) e já dirigiu os seguintes curtas-metragens: **Pra não Dizer** (ficção, 16 mm, preto-e-branco, 1974), **Leila para sempre** (Diniz, com co-direção de Mariza Leão (documentário, 35mm, colorido, 1975, Certificado de Classificação Especial

do INC, comprado pelo DFE), **Opa: o que que há?** (documentário, 35 mm, preto-e-branco, 1975, Certificado de Classificação Especial do INC). Trabalhou como fotógrafo (juntamente com Edison Baptista), em **A Folia é o Rei**, de Arlindo Jorge (1977) e como montador em **Palmas pra Jesus**, de Mariza Leão, **Pavoroso**, de Márcia Cotrim (1977) e **O Saxofonista**, de Mariza Leão (1977), todos filmes curtos.

Dinagrup

Rio de Janeiro, 1971

Direção/Roteiro/Animação: Stil (Pedro Ernesto Stilpen). **Assistente de Direção:** Antonio Moreno. **Montagem:** Mário Simões. **Fotografia** (Eastmancolor)/**Truca:** Mariano Wach. **Canções:** **Contos dos Bosques de Viena**, **Magical Mystery Tour**, **Guilherme Tell**, **Radetzky March**, **I can't get started**. **Planejamento Geral:** Paulo Bastos Martins. **Produtor:** Paulo Bastos Martins. **Produção:** Agedor. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 6 min. **Bitola:** 35mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE — Desenho animado sobre uma sessão de dinâmica de grupo em torno de um orçamento-programa, onde os traços de personalidade deflagrados são apresentados em suas linhas-mestras.

OBSERVAÇÕES — Desenho de animação realizado sob encomenda para o SENAC, de modo a provocar discussões após sua projeção, ou até mesmo reuniões de dinâmica de grupo sobre os problemas psicológicos apresentados, utilizando a própria técnica a ser discutida. O filme em questão obteve Menção Honrosa na 3ª Mostra do Filme Técnico e Científico, Rio de Janeiro, 1971. A obra de Stil está inteiramente dedicada ao desenho de animação: **Status Quo** (1968), **Batuque** (1969), **Urbis** (1970), **O Filho de Urbis** (1970), **Lampião ou Para Cada Grilo uma Curtição** (1971), **Reflexos**, juntamente com Antônio Moreno (1974), **A Pedra e O Que Terá Acontecido com o Hipópótamo**, ambos desenhados mas não filmados, **Como nos Livrarmos das Doenças e Vida e Saúde**, didáticos, **A Festa no Céu**, de Noilton Nunes (roteiro) **Motel**, de Alcino Diniz (avant-trailer), e a apresentação dos longas-metragens: **Tati**, **a Garota**, **Os Mansos**, **A Viúva Virgem**, **Pecado de Marta** e **Ladrões de Cinema**, além de trabalhos na televisão, totalizando três horas de exibição, participação em júris, cursos de cinema e autoria do livro **As Máquinas Mágicas do Desenho Animado**.

CURTA METRAGEM

Brincadeira dos Velhos Tempos

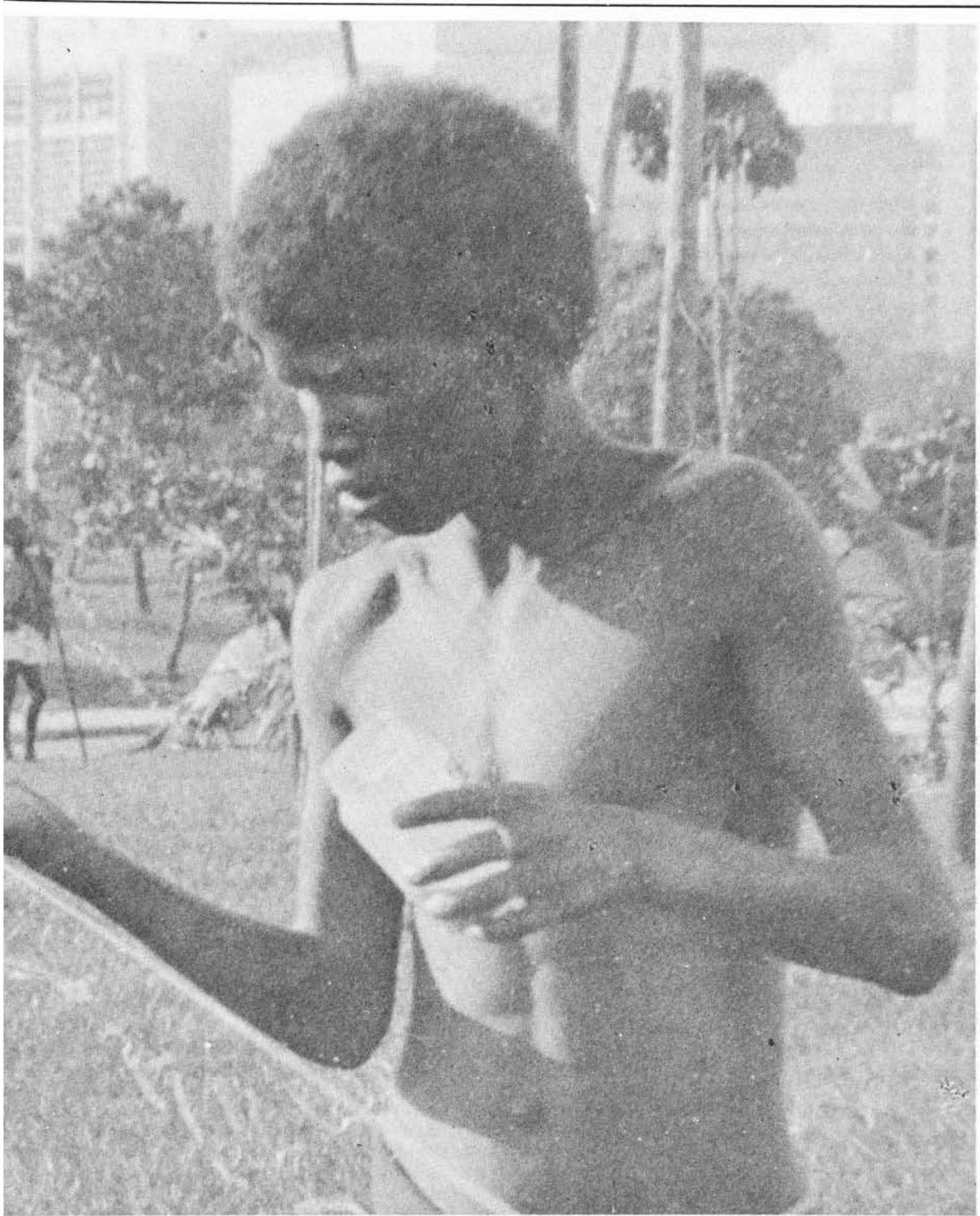
Rio de Janeiro, novembro de 1977

Direção/Roteiro/Texto/Montagem: Ramon Alvarado. **Assistente de Direção:** Alberto Silva. **Fotografia** (Eastmancolor): Ramon Alvarado, Antonio Segatti. **Seleção Musical:** Rubem Azeredo. **Canções:** O Papagaio do Moleque (Villa Lobos), Pandorga, Papagaio, Pipa (Armando Cavalcânti). **Narração:** Maria Aparecida Azeredo. **Som:** Jorge Madureira. **Gerente de Produção:** Rubem Azeredo. **Produtores Associados:** Wilson Cardoso, Marcelo de Mendonça Pinto, André Vasconcellos. **Produção:** Ramon Alvarado P. C., Rossana Ghessa P. C. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 11 min. **Bitola:** 35mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE — Documentário sobre o brinquedo popular conhecido por pipa, papagaio, pandorga, cangula, guinador, cafifa, estrela, lançadeira, quadrada ou raia. Através de uma visão histórica, o filme destaca também a contribuição desse brinquedo que vem da China antes de Cristo, passando pela Grécia e a Europa medieval até sua difusão universal, às diversas áreas da cultura como a arte, a ciência, a tecnologia e o esporte. É apresentada variada ilustração iconográfica (Benjamim Franklin empinando uma pipa para mostrar a natureza elétrica do raio; um tipo de papagaio chamado caixote, no qual Santos Dumont se inspirou para construir o 14-bis, entre outras) e a obra de músicos, poetas, escritores e pintores como Villa Lobos, Eugênio Gomes, Lawrence Durrell e Portinari que se inspiraram na pipa para suas criações estéticas.

OBSERVAÇÕES — Relacionado com o nosso folclore, o filme apresenta uma tomada de posição em favor das pipas e poderia ser definido como uma sociologia do brinquedo, mostrando seus aspectos de fator de integração social (para as crianças), seu valor econômico (para as pessoas marginalizadas que o vendem nos lugares públicos), sua função relaxadora das tensões psíquicas e seu conflito com as tendências atuais da sociedade, onde sofre a ação desestimuladora por parte das companhias de energia elétrica. O filme em questão foi selecionado para o Festival de Gramado/78. Ramon Alvarado começou com cinema amador, em Vitória, Espírito Santo (*Indecisão*, *Festa da Penha*, *O Pêndulo*, em 16mm, 1966/67), recebendo, no ano seguinte, o Prêmio de Melhor Diretor de Fotografia do Festival JB/MESBLA, com *Veia Partida*. Trabalhou, a seguir, como assistente de fotografia de di-





CURTA METRAGEM

versos longas-metragens, no Rio e em São Paulo. Na área do curta-metragem, fez direção de fotografia do documentário **Ecologia de Vetores de Endemias Rurais** (1976), para o Ministério da Saúde, e é autor de **A Escola Nova**, um documentário didático (direção, produção e direção de fotografia, 1974), **Campanha Nacional de Escolas da Comunidade**, promocional, (direção, produção, 1975) e **O Mestre do Bino Santo**, documentário (direção, produção, direção de fotografia, 1976, selecionado para o X Festival de Brasília).

Sangue e Suor — A Saga de Manaus

Rio de Janeiro, novembro de 1977.

Direção/Roteiro: Luiz de Miranda Corrêa. **Fotografia** (Eastmancolor): Antônio Segatti. **Montagem:** Jayme Justo. **Música:** Pedro Amorim e canções folclóricas indígenas. **Som Direto:** Manuel Guilherme. **Som:** Jorge Madureira. **Produtor:** Departamento do Filme Cultural da EMBRAFILME. **Produtor Executivo:** Geraldo Brocchi. **Gerente de Produção:** Tampuska Magalhães. **Produção:** L. M. Produções Cinemat. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 20 min. **Bitola:** 35mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE — Documentário sobre a cidade de Manaus: a implantação de uma cidade européia na floresta amazônica; as distorções de uma cultura alienígena que não respeitou a ecologia regional; a influência inglesa; os aventureiros da borracha e da Zona Franca; as transformações trazidas pelo comércio e pela indústria; a marginalização do indígena, sua massificação e transformação em objeto de turismo, a distorção de seus cantos e suas danças.

OBSERVAÇÕES — Documentário sobre a caracterização da cultura amazônica; a desfiguração de uma cidade, Manaus, e de uma raça, o índio, a partir da criação da Zona Franca, colocando em discussão várias teses, por vezes conflitantes. O filme em questão foi selecionado para o Festival de Gramado/78. Luiz de Miranda Corrêa, autor de vários livros sobre a Amazônia, começou sua atividade cinematográfica na área da produção, através de sua empresa L.M. Produções Cinematográficas: — **A Selva**, de Márcio de Souza, **Um Edifício Chamado 200**, de Carlos Imperial, **O Anjo da Noite**, de Walter Hugo Khoury, **O Sósia da Morte**, de João Ramiro Mello, **Esse Rio Muito Louco** (no qual dirige o episódio **Kiki Vai à Guerra**) e **Como Matar uma Sogra** que marca sua estréia na direção do longa-metragem. Na área do curta-metragem, produziu **Trajatória**, de José Carlos Meira Mattos, e dirigiu **O 2º Reinado e Região Tradição Modernidade**.

O Grande Circo Místico

Rio de Janeiro, novembro de 1977

Direção/Roteiro/Fotografia (Eastmancolor): João Carlos Horta. **Assistente de Direção:** Carlos R. de Carvalho. **Texto:** Afonso Henriques Neto. **Montagem:** Carlos Brajsblat. **Música:** Villa Lobos, Mozart, Nino Rotta (**Amarcord**), cantos gregorianos, música circense, Tolito (**Imagens Poéticas de Jorge de Lima**, samba enredo da Mangueira). **Narração:** Tite de Lemos. **Produção Executiva:** João Carlos Horta. **Produção:** Departamento do Filme Cultural da EMBRAFILME. **Duração:** 22 min. **Bitola:** 35mm.

SINOPSE — Documentário sobre a vida e a obra do poeta Jorge de Lima, focalizando a cidade em que nasceu, **União dos Palmares**, em Alagoas; seu consultório médico na Cinelândia, Rio de Janeiro; entrevistas com a esposa, filhos, e o professor Camarinha, secretário do poeta; e a voz do próprio Jorge de Lima, dizendo um dos seus versos, gravada em disco na Biblioteca de Washington, poucos dias antes da sua morte. São apresentados também seus livros **Pintura e Pânico**, foto-montagem de pintura e gravuras, e **O Mundo do Menino Impossível**, com ilustrações do poeta.

OBSERVAÇÕES — Documentário poético que enfatiza o lado humano de Jorge de Lima e os ambientes em que viveu e que marcaram sua poesia. João Carlos Horta trabalha em cinema desde 1964, tendo participado, como diretor de fotografia, de vários longas-metragens como **Picapau Amarelo**, **Um Homem Célebre**, **Pecado Mortal**, **Diamante Bruto**, e de cerca de 40 filmes curtos. Dirigiu, anteriormente, dois documentários: **Pixiguinha** (1969) e **Azulejos do Brasil** (1974). O filme em questão recebeu o Prêmio de Melhor Curta-metragem (Troféus Kikito e Humberto Mauro) no Festival de Gramado/78 e participou do Festival de Penedo/78.

Canção de Amor

Rio de Janeiro, março de 1977

Direção: Gilda de Abreu. **Assistente de Direção:** Ernesto Saboya. **Roteiro:** Gilda de Abreu, Ernesto Saboya. **Fotografia** (Eastmancolor): José Mauro, Antonio Silva. **Montagem:** Ernesto Saboya, José Mauro. **Música:** Vicente Celestino (**Canção de Amor**, **O Ébrio**, **Porta Aberta**, **Ouvindo-te**, **Serenata**, **Meu Brasil**, **Ser e Não Ser**), Gilda de Abreu e Francisco Mignone (**Aleluia**), Catulo da Paixão Cearense (**Luar do Sertão**), Leoncavallo (**I Paglicacci**). **Som:** Fernando Piccinini. **Narração:** Nildo Parente.



Canção de Amor (cena do filme *Coração Materno*).

Produção Executiva: Alice Gonzaga Assaf. **Produção:** Cinédia. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 17 min. **Bitola:** 35 mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE — Documentário sobre Vicente Celestino, cantor e compositor de música popular brasileira, falecido em 1968, focalizando sua infância no Rio de Janeiro, a estréia profissional no Teatro São José, seu primeiro disco *Flor do Mal*, a participação como ator na Cia. Leopoldo Fróes, o disco de ouro que lhe foi oferecido pelo povo, as inúmeras operatas e peças sacras em que trabalhou, o casamento com Gilda de Abreu e cenas originais dos filmes *O Ébrio* e *Coração Materno*, onde atuou como ator e cantor.

OBSERVAÇÕES — É o primeiro documentário realizado por Gilda de Abreu, cantora lírica, atriz, romancista, roteirista e diretora de cinema (*O Ébrio*, *Pinguinho de Gente*, *Coração Materno*), que retorna à atividade cinematográfica após vinte e dois anos de ausência. O filme apresenta farta documentação fotográfica de amigos e admiradores de Celestino como Maurice Chevalier, Leopoldo Fróes, Chiquinha Gonzaga, Ney Braga, Catulo da Paixão Cearense, Gabriela Bezanoni, Ângela Maria, Emilinha Borba, Viriato Correa, e declarações de Nelson Rodrigues e Jorge Amado. Foi selecionado para os festivais de Brasília/77, JB/77 e Gramado/78.

CURTA METRAGEM

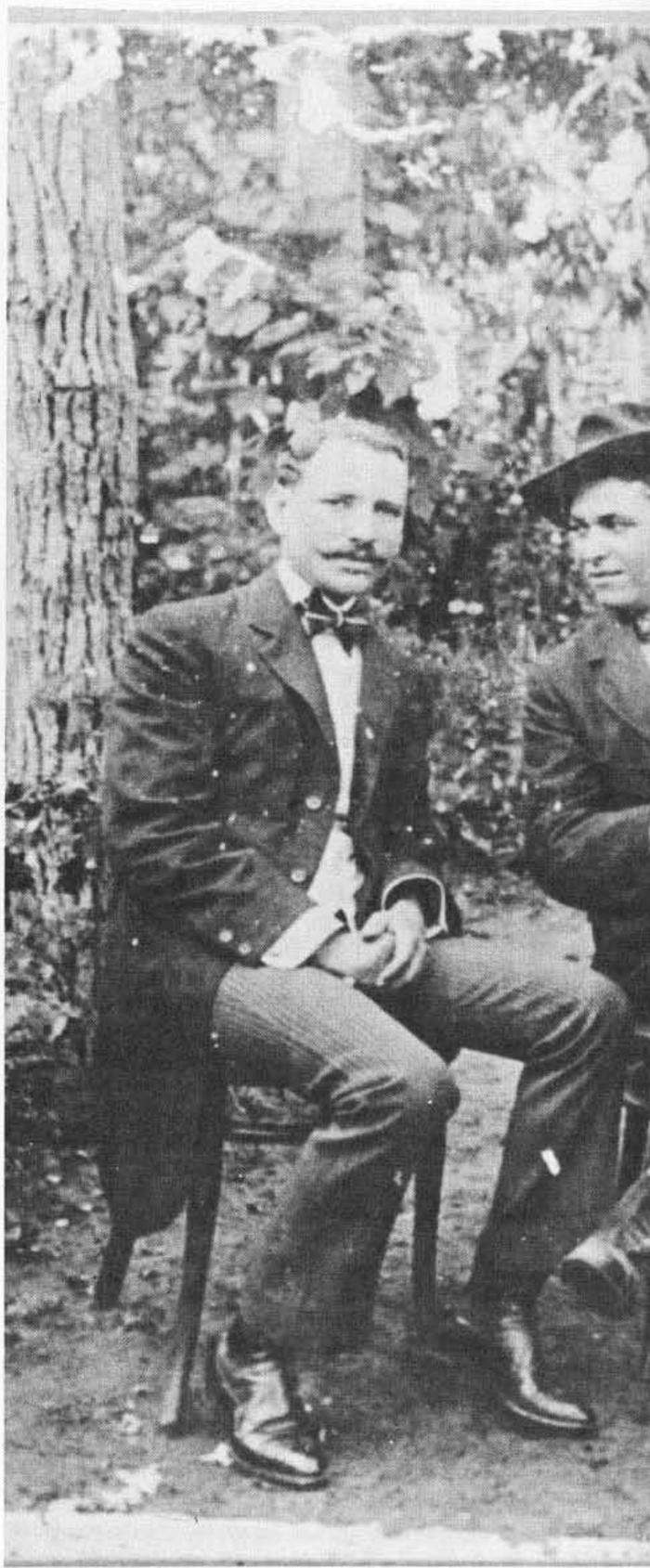
Tutti, tutti buona gente

Rio de Janeiro, janeiro de 1976.

Direção/Roteiro: Orlando Bomfim, netto. **Fotografia** (Eastmancolor): Douglas Lynch. **Montagem:** Manfredo Caldas. **Som Direto:** Sonia Lynch. **Som:** Jorge Rueda, Walter Goulart. **Produtor:** Orlando Bomfim, netto. **Gerente de Produção:** Janete Chermont. **Produção:** Circus. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 28 min. **Bitola:** 35 mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE — A colonização italiana no Espírito Santo, abordada do ponto de vista dos habitantes da cidade de Santa Teresa, o mais forte e representativo núcleo de imigração do Estado. Reconstituição da chegada dos primeiros imigrantes, atraídos por falsas promessas de um Eldorado inexistente; os traumas do desengano, a luta pela sobrevivência numa região desconhecida em seus hábitos, clima e língua. Em seguida é mostrada a realidade atual: os hábitos, os costumes, a etnia, a cultura, a relação com a cidade construída e que, em 1975, completou seu centenário.

OBSERVAÇÕES — Documentário sobre o homem imigrado e suas relações com o processo de aculturação, revelado nas estórias que passam oralmente de geração a geração; nas fotografias recolhidas entre os antigos habitantes da cidade e outras cedidas pelo historiador Celso Bomfim, de Belo Horizonte, e por Serafim Derenzi, autor de um livro sobre o assunto, e, ainda, no depoimento de personalidades locais como o cientista Augusto Ruschi, o então vice-prefeito Belmiro Perini, o velho Bringhentti, de 97 anos, e o já citado Derenzi, historiador e engenheiro que construiu as mais antigas rodovias da região. O filme representou oficialmente o Brasil nos festivais de San Sebastian, Espanha (1976) e de Mannheim, Alemanha (1976), e participou, convidado pela direção da mostra, do Festival de Tashkent, União Soviética (1976). No Brasil, foi exibido na V Jornada Nacional de Curta-Metragem, Salvador, Bahia (1977) e recebeu a Coruja de Ouro e o Troféu Humberto Mauro, da EMBRAFILME, como prêmio de Melhor Curta-metragem de 1976. Orlando Bomfim começou fazendo cinema amador em 8 e 16 mm, tendo participado do Festival JB/69 com o filme *Status 69*, a *Gente Que a Gente Vê*. Nesse ano iniciou suas atividades profissionais trabalhando para a R.F. Farias, onde participou de cerca de onze longas-metragens.





CURTA METRAGEM

Em 1972 fundou a Circus Produções Cinematográficas que já produziu os longos **Quem tem Medo de Lobisomem**, de Reginaldo Faria, e **Tio Maneco, Caçador de Fantasma**, de Flávio Migliaccio, e os curtos **Von Martius**, de José Medeiros, **Natureza-Objeto**, de Leilany Fernandes, e **CETEB**, de Roberto Ribeiro. Como diretor (e produtor), realizou os documentários **O Bondinho de Santa Teresa**; **Augusto Ruschi, o Homem dos Beija-flores**; **O Baile de São Benedito, Magia**; **Mestre Pedro de Aurora, cantor e pessoa**; **Itáúnas, a Cidade de Areia**.

Ukrinmakrinkrim (A Música de Marlos Nobre)

Rio de Janeiro, dezembro de 1974

Direção: Carlos Frederico Rodrigues. **Assistente de Direção:** Gilberto Balallai. **Robeiro/Texto:** Carlos Frederico, Geni Marcondes. **Pesquisa:** Geni Marcondes. **Fotografia** (Eastmancolor): Edison Baptista. **Montagem:** Amauri Alves. **Música:** Marlos Nobre e Orquestra de Câmara da Rádio MEC. **Som Direto:** Juarez Dagoberto. **Som:** Fernando Piccinini. **Elenco:** Marlos Nobre, Isabela Cerqueira Campos, Leonora Nobre, Joaquim Garrido. **Produção:** Carlos Frederico Rodrigues. **Produtores Associados:** Edison Baptista, Agedor. **Distribuição:** EMBRA-FILME. **Direção:** 13 min. **Narração:** Isabela Cerqueira Campos. **Bitola:** 35mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE — Documentário sobre a obra musical de Marlos Nobre, focalizando cinco de suas mais famosas composições: **Ukrinmakrinkri**, **Concerto Breve**, **Biosfera**, **Mosaico** e **Variações Rítmicas**. Depoimento de Marlos Nobre sobre suas primeiras influências do carnaval de Recife, os ritmos populares do nordeste, os frevos, maracatus, e o papel do compositor no mundo atual.

OBSERVAÇÕES — Músico de vanguarda, o pernambucano Marlos Nobre é considerado um dos mais importantes compositores latino-americanos da atualidade, aliando às mais avançadas técnicas um sentimento de extrema brasilidade. **Ukrinmakrinkrin** (obra para soprano, instrumentos de sopro e piano, 1º Prêmio do Júri Internacional de Compositores da UNESCO, Paris, 1966) baseia-se num texto religioso dos índios xucurus (Paraíba e Pernambuco) e é cantada no idioma original, o xucuru. Esses índios, hoje em extinção, reúnem-se uma vez por ano para um ritual mágico, onde então preparam uma comida-tabu chamada **ukrinmakrinkrin** que significa comida-para-o-espírito. A documentação desta tribo é feita através de uma série de fotos



Ukrinmakrinkrim.

fixas de autoria de José Medeiros. Realizado em cinco dias, com locações no Rio, Cabo Frio e Universidade Rural, o filme participou do Festival de Gramado/75; Brasília/75 onde obteve os prêmios de Melhor Música e Melhor Montagem; Festival de Berlim/75, especialmente convidado pela direção da Mostra e Comissão de Seleção e ainda do Festival de Filmes Musicais e Coreográficos, de Besançon, França (1976), também convidado pela direção. Obteve o Certificado de Classificação Especial do INC, já tendo sido exibido comercialmente no Rio, em São Paulo, Brasília e Porto Alegre.



Simplex

São Paulo, 1975

Direção/Roteiro/Animação: Alcídio Martins da Quinta. **Fotografia** (Eastmancolor): Roberto Shimose. **Montagem:** José Ismael Ferreira. **Música:** Carlos Pipper. **Som:** Gabriel Soares. **Produtor:** Sady Scalante. **Produção:** Lynxfilm. **Distribuição:** EM-BRAFILME. **Duração:** 9 min. **Bitola:** 35mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE — Desenho animado que relata a história de Simplex, pequenino ser que emerge da terra e contempla o mundo ao redor, conflitado pelos horrores da guerra, deparando-se com a indiferença de todos. Preocupado, ele busca a solução do problema e constrói uma máquina que consegue extrair a essência de determinados elementos simbólicos das melhores coisas existentes no homem: a fraternidade e o amor de uma mãe branca que amamenta uma criança negra, o pacifismo de um Gandhi, a inteligência de um cérebro e a arte de uma Mona Lisa. A essência obtida é espalhada pela terra, derru-

CURTA METRAGEM

bando vendas dos olhos dos reis, equilibrando a justiça, libertando oprimidos, transformando soldados em operários e fazendo murchar os canhões. Mas quando Simplex inicia a Dança de Comemoração, tudo é violentamente esmagado por um pé humano.

OBSERVAÇÕES — Desenho animado realizado inteiramente sobre a areia, utilizando de forma pioneira a técnica de Bi-Pack, de modo a obter uma íntima relação desse processo com o conteúdo do filme. Alcídio Martins da Quinta é diretor de animação da Lynxfilm, tendo realizado centenas de comerciais para o cinema e a televisão e obtido vários prêmios. O filme foi selecionado para o Festival de Gramado/76 e obteve o Prêmio Targa Unicef no XII Festival de Quadrinhos e Animação, em Luca, Itália, 1976.

Ponto Final

São Paulo, 1974

Direção: José de Anchieta. **Roteiro:** José de Anchieta, Roberto Santos. **Fotografia** (Eastmancolor): Chico Guerrisi. **Montagem:** Ismael Ferreira. **Cenografia/Vestuário:** José de Anchieta. **Elenco:** Antonio Fagundes, Ewerton de Castro, Elvira Gentil, Ronaldo Cianbroni, Clara Garcia. **Produtores:** José de Anchieta, Roberto Santos. **Gerente de Produção:** Carlos Alberto Dalia. **Produção:** Lynxfilm. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 9 min. **Bitola:** 35 mm. **Censura:** 14 anos.

SINOPSE — A história transcorre em tempo e lugar não determinados, onde as pessoas, não podendo mais respirar sem o auxílio de uma máscara, perambulam perdidas pelas ruas poluídas por espessa fumaça. O único lugar seguro é um centro de respiração artificial onde as pessoas, em fila, recebem porções limitadas de ar puro através de um grande pulmão inflado. Um homem não participa dos tumultos causados pela ânsia de obter ar e recorta estrelas de papel prateado. No final, num gesto suicida de revolta contra esse tipo de vida, ele sai para a rua, retira sua máscara e morre, lançando ao ar suas falsas estrelinhas, símbolo de um sonho impossível.

OBSERVAÇÕES — Ficção-científica de caráter ecológico denunciando a poluição atmosférica que ameaça os grandes centros urbanos. O filme foi dedicado à última geração que ainda poderá ver estrelas no céu. Recebeu o Prêmio de Melhor Curta-metragem do Festival de Gramado/75 (Troféus Kikito e Humberto Mauro). José de Anchieta iniciou suas atividades em cinema na Lynxfilm, como cenógrafo e figurinista, profissão que já exercia no

teatro e na televisão, tendo também grande experiência na área da publicidade. Dirigiu os curtas-metragens: **A Flauta das vértebras** (Troféu Padre Anchieta, TV Cultura, São Paulo), **Reticências** (Prêmio JB/72; Melhor Filme da 5ª Mostra do Filme Técnico e Científico, Troféu Humberto Mauro; **Menção Honrosa** em Montreal, Canadá, no I Festival de cinema sobre o meio-ambiente), **T'ATO** (sobre o laboratório do Teatro Oficina, inédito) e o longa-metragem **Parada 88** que também aborda a problemática da poluição atmosférica.

Vivendo os Tombos/ Carvoeiros

Rio de Janeiro, outubro de 1977.

Direção/Roteiro/Fotografia: Dileny Campos. **Assistente de Direção/Letreiro:** Maria do Carmo Secco. **Montagem:** Gilberto Loureiro. **Seleção Musical:** Dileny Campos. **Canções:** Luar do Sertão, de Catulo da Peixão Cearense; Antífona de Nossa Senhora, de J. J. Emérico Lobo de Mesquita, composta no Arraial do Tijucu (atual Diamantina), no Século XVIII. **Som:** Walter Goulart. **Produtor:** Dileny Campos. **Produção:** Totem Filmes. **Distribuição:** EMBRAFILME. **Duração:** 9 min. **Bitola:** 35 mm. **Censura:** Livre.

SINOPSE. Documentário sobre a extração e fabricação do carvão vegetal, em Pompeu, Minas Gerais, focalizando os carvoeiros em ação, suas vidas, dificuldades, relações com os patrões e com o trabalho, realizado em processo ainda medieval. O filme apresenta depoimento de um carvoeiro da região, apontando e solicitando medidas viáveis para a melhoria de sua condição de vida, vivida aos tombos, sem, entretanto, jamais se furtar ao trabalho.

OBSERVAÇÕES — Documentário premiado em 2º lugar (juntamente com **Pinto Vem Aí**, de Olney São Paulo, **Rocinha**, de Sérgio Péo, **A Folia é o Rei**, de Arlindo Jorge, e **Caso Ruschi**, de Teresa Trautman) no 5º Festival Brasileiro de Curta-metragem JB/Shell (1977). Dileny Campos, artista plástico premiado no Brasil e no exterior, dedicou-se à fotografia a partir de 1971, tendo participado de filmes de publicidade e dos documentários **Trabalhar na Pedra** (também co-direção com Oswaldo Caldeira), **A Mão do Povo**, de Lígia Pape, **Cultura e Opulência do Brasil**, de Jorge Laclette, e **Tempo Integral**, de Umberto Martins, todos curtas-metragens, e dos longos **Passe Livre**, de Oswaldo Caldeira, **Encarnação**, de Lacrete, e **Ipanema, Adeus**, de Paulo Roberto Martins, sempre como diretor de fotografia, tendo ainda experiência na televisão, nesse mesmo setor.